



HOLOCAUSTO E AGRICULTURA BRASILEIRA

Evaristo de Miranda

Hoje, 27 de janeiro, é o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto (Shoah). A data faz referência à liberação, por tropas soviéticas, do Campo de Concentração de Auschwitz em 1945. E foi definida pela ONU. Milhões de vidas humanas foram eliminadas pela barbárie nazista. Dentre elas, muitas crianças. Quantos seriam gênios, artistas, cientistas...?

No pós-guerra, as contribuições de pesquisadores e instituições judaicas à agricultura, impulsionadas pelas necessidades geográficas de Israel, revolucionaram a segurança alimentar global, através de tecnologias e inovações disruptivas. E isso chegou à agricultura brasileira.

Israel promoveu uma revolução na irrigação, através da irrigação por gotejamento. Desenvolvida na década de 1960, essa tecnologia pioneira aplica água e nutrientes diretamente na raiz, minimiza desperdícios. É considerada uma das maiores inovações agrícolas do século XX. Israel é líder na reciclagem de águas residuais (esgoto tratado). Mais de 50% da água utilizada em sua agricultura provém de reuso.

O tomate cereja é uma invenção israelense. Com maior durabilidade, sabor e poder nutricional, é resistente a doenças e colhido como cacho de uva. Israel criou diversos Sistemas de Controle Biológico de Pragas, com base em predadores naturais, e reduziu sua dependência de pesticidas químicos.

A ciência israelense realizou avanços notáveis na agricultura de precisão, no uso da Inteligência Artificial (IA) e de sensores de monitoramento. O uso de IA, sensores de solo e drones para monitorar plantações e otimizar recursos, permite ao agricultor tomar decisões otimizadas, com dados em tempo real. Cresce o uso

de tratores e veículos autônomos para coletar dados, automatizar o manejo da terra e tratos culturais. Com sensores e melhoramento genético, as vacas em Israel detêm as maiores médias mundiais de produção de leite por animal.

As inovações agropecuárias tornaram Israel autossuficiente e exportador de alimentos. Além da produção, as tecnologias são exportadas para ajudar a combater a escassez de água e alimentos pelo mundo, incluindo o Brasil.

Nesta data deve-se lembrar o caráter único do genocídio praticado contra os judeus pelo nazismo. Recordar, discutir e aprender sobre o Holocausto é fundamental para melhor compreender o passado e aumentar a conscientização sobre as formas atuais de antissemitismo, xenofobia e ódio.

Elas criam condições propícias à perda de direitos fundamentais, ao desrespeito do devido processo legal, à invenção de crimes e delitos inexistentes na legislação..., como denuncia-se no Brasil sobre o comportamento de juízes das mais altas cortes.

Sobre o Holocausto, vive-se a transição da era das testemunhas para a era da história. Com o desaparecimento dos últimos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, o desafio é transmitir suas experiências, ampliar pesquisas e trabalho histórico, sem cair em comparações inapropriadas. Ou pior, o Governo, em 2025, retirou o Brasil da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto.

Ao refletir sobre a tragédia da Shoah, ocorrida há 80 anos, e ver a contribuição de cientistas e da pesquisa agropecuária israelense ao desenvolvimento da agricultura no mundo e no Brasil, vem à lembrança um poema de Charles Baudelaire (Les Fleurs du Mal):

Tu m'as donné ta boue et j'en ai fait de l'or.

Você me deu sua lama e eu te devolvi ouro.